

documentação
 OESP
 13/4/99 ps C-8/
 58

Falta de saneamento básico afeta o litoral norte

Em Bertioga, Ubatuba, São Sebastião, Caraguatatuba e Ilhabela não há aterro sanitário; o esgoto, em geral, sai das fossas para o mar; e o lixo, jogado em áreas de mata atlântica, contamina o lençol freático



Depósito de lixo no município de Bertioga, no litoral norte: poluição a céu aberto e também subterrânea, pois o resultado da decomposição dos detritos acaba contaminando o lençol freático na região

JOBSON LEMOS
 e L.C. LEITE

A falta de saneamento básico e de aterros sanitários das cidades do litoral norte comprometem a qualidade da água dos lençóis freáticos da região. Nenhum dos cinco municípios - Bertioga, Ubatuba, São Sebastião, Caraguatatuba e Ilhabela - tem um aterro sanitário e o lixo acaba sendo depositado em terrenos em meio à mata atlântica. Em todos eles, o chorume que resulta da decomposição dos detritos contamina o solo (veja texto ao lado).

O mesmo ocorre com as fossas, presentes na maioria das casas do litoral norte, que não dispõem de sistema completo para coleta de esgoto. As fossas também contaminam o lençol d'água, que é muito próximo da superfície, uma característica da mata de restinga.

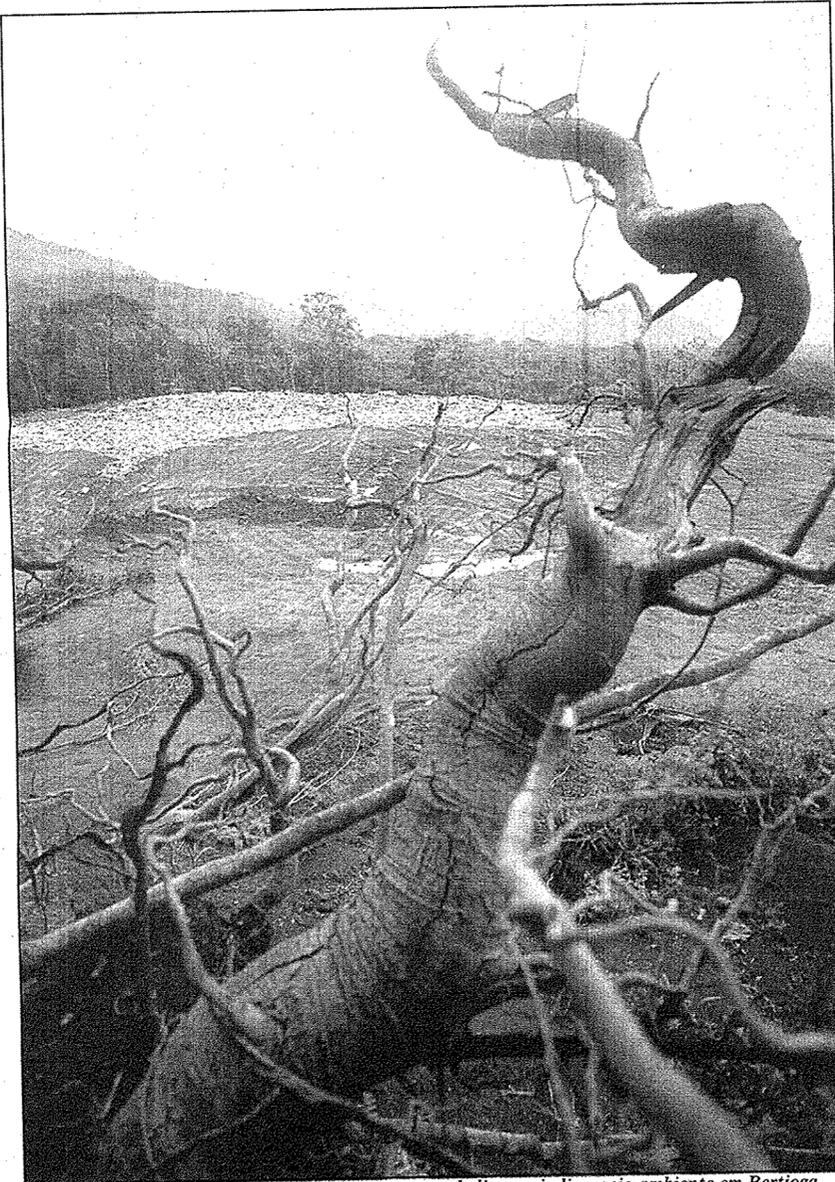
Em algumas cidades, a obra está quase concluída, mas atenderá uma parcela pequena do município. "A rede da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) que vai atender 26% de Ilhabela está pronta, mas falta o emissário submarino", afirmou o secretário do Meio Ambiente de Ilhabela Marco Antônio Mroz. O emissário deve ficar pronto, segundo ele, em maio. Hoje, 0,7% de casas são atendidas por rede coletora de esgoto.

Em outros municípios, os trabalhos mal começaram. "No fim do ano passado, a Sabesp começou a construir a rede de saneamento em Bertioga", disse a promotora de Justiça do município Karina Keiko Kamei, que qualifica o problema do saneamento básico como um dos três mais sérios da cidade.

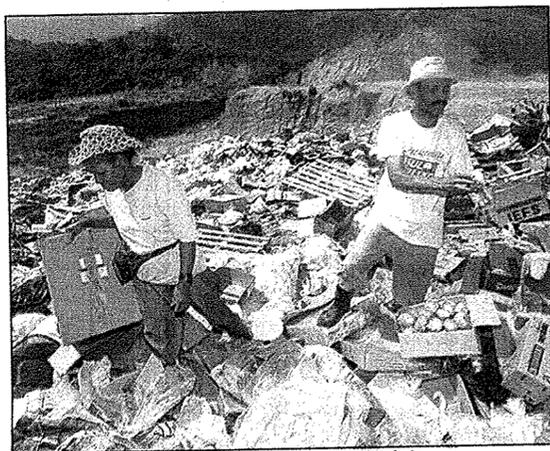
A promotora de Ubatuba Elaine Taborda de Ávila concorda que essa é uma questão muito complicada na região. Ela informa que apenas 15% das casas do município são atendidas por redes coletoras de esgoto. O restante utiliza fossas. "Isso contamina as águas e, em Ubatuba, não há nenhuma legislação sobre meio ambiente", revela. Na cidade também não há secretaria que cuide do assunto. Os problemas ambientais são tratados pelo chefe de Planejamento e Proteção Ambiental Wagner Antônio da Silva.

Também para Silva, o maior problema do litoral norte é a destinação dada ao esgoto. "Não temos ainda uma estação completa de tratamento", admitiu. "O que fazemos é peneirar os detritos e, em seguida, colocar cloro e lançar o resíduo no Rio Tavares." Conseqüentemente, por meio desse processo, o esgoto invade o mar, bem no centro da cidade, o que provoca a indignação de moradores, por causa do mau cheiro.

De acordo com o superintendente da Sabesp no litoral norte João Carlos Simões o índice da população atendida era de 10% há quatro anos e hoje é de 22%. Mas, por causa da crise financeira, a companhia deve adiar a entrega de obras para este ano. "Esperamos que nos próximos quatro anos possamos chegar a mais de 70%."



Árvores mortas: ausência de sistema de tratamento de lixo prejudica meio ambiente em Bertioga



O casal Simplicio Gonçalves e Gerônima de Jesus, que há sete anos sobrevive do lixo: "Os supermercados jogam fora coisas que venceram, mas estão boas"

Secretário estuda criação de aterro comum às cinco cidades

Para Tripoli, é preciso encontrar terreno onde não haja risco de contaminação do meio ambiente

O secretário Estadual do Meio Ambiente Ricardo Tripoli estuda a criação de um aterro sanitário comum para as cinco cidades do litoral norte - Bertioga, Ubatuba, São Sebastião, Caraguatatuba e Ilhabela.

Como o custo da instalação de um aterro sanitário é muito alto para que cada cidade tenha o seu, Tripoli propõe que os detritos sejam jogados num único aterro sanitário, que seria instalado em um dos municípios e atenderia também os demais.

"É necessário encontrar um terreno onde não haja o risco de contaminação do meio ambiente", disse. "Com os custos para a instalação do aterro divididos pelas prefeituras, poderemos solucionar esse problema."

Em Ilhabela, de acordo com o secretário municipal de Meio Ambiente Marco Antônio Mroz o chorume produzido é clorado, mas a situação está longe da ideal. "Mas não está perto da tragédia." Durante a temporada de verão, a quantidade de lixo recolhida no município aumenta de 6 toneladas para 72 toneladas de lixo por dia. Situação que, segundo ele, complica o trabalho de tratamento do lixo. O esgoto em Ilhabela também aumenta nessa época e nessa proporção.

Já, em Ubatuba, o lixo recolhido

é imediatamente coberto com terra. O problema é que o depósito está no meio de uma floresta, formando uma clareira, e os caminhões da prefeitura passam o dia inteiro retirando a terra ao redor do lixão, para poder cobrir os detritos. Mesmo enterrado dessa forma, o lixo chega a contaminar o lençol freático.

Em São Sebastião, o depósito de lixo é tão grande que chega a causar danos ao meio ambiente antes de o chorume chegar ao lençol d'água subterrâneo. Ao redor do lixão, a floresta de mata atlântica contrasta com as sacolas de lixo disputadas pelos urubus. A cratera que forma o lixão é aumentada com a erosão de encostas e se pode ver árvores caídas com raízes expostas



Ilhabela: esgoto lançado ao mar de águas claras

para cima, mortas.

Lá, o chorume corre para o interior da mata e há sacos plásticos e lixo no chão e pendurado em alguns galhos. Entre os urubus, aves que não emitem muitos sons e passeiam e voam por todo o depósito, é possível ouvir macacos gritando ao longe, no interior da floresta, e cantos de diversas espécies de pássaros. Por estar em uma região alta, o depósito de lixo permite uma estranha e contrastante visão do mar entre sacos de detritos. (J.L.)

Lixão vira fonte de renda em Ilhabela

Catadores de papel e latas tiram entre R\$ 200 e R\$ 500 mensais e "aproveitam" alimentos vencidos

O depósito de lixo de Ilhabela serve de posto de trabalho para os que viram na atividade de recolher papelão e latas a possibilidade de ganhar mais dinheiro do que trabalhando em suas profissões. Restos de comida ou alimentos com validade vencida, que supermercados jogam fora, são aproveitados. Eles chegam a passar 13 horas no meio dos urubus. "Eu era do interior, mas trabalhava na terra dos outros e não conseguia nada", disse Simplicio Gomes Gonçalves, de 55 anos.

Ele e a mulher, Maria Gerônima de Jesus, de 49 anos, moram em

Ilhabela há 15 anos e há 7 catam lixo no depósito municipal. Gonçalves chegou a vender sorvetes, mas os ganhos com o trabalho não o animaram. "Andava o dia todo e não conseguia nada." Como catadores, têm rendimento entre R\$ 200,00 e R\$ 500,00 por mês, de acordo com o fluxo de turistas. "Fora da estação, a gente vem aqui só para não ficar em casa."

Para não ficar em casa e abastecer os armários. "Os supermercados jogam fora coisas que venceram um dia antes, mas ainda estão boas", diz Gonçalves, enquanto recolhe uma caixa de cebolas entre os detritos. Outro catador, o ex-pedreiro José Antônio Divino, de 43 anos, faz o mesmo. "A gente aproveita o que dá para aproveitar."

No depósito de lixo há seis anos, Divino, como os outros, não usa bo-

tas, luvas ou máscaras. A prefeitura de Ilhabela cadastrou esses catadores para trabalhar na usina de reciclagem em contrução perto do lixão, mas não forneceu, dizem eles, os equipamentos de segurança.

Nenhum dos catadores disse ter ficado doente por causa do trabalho, mas a aparência de todos é a de pessoas combalidas. A maioria é magra e aparenta idade superior à que diz ter, mas se queixa mais da falta de oportunidades de emprego que do serviço. "No fim da temporada, o patrão demite a gente por falta de cliente", disse Jorge Paulo de Oliveira, de 40 anos, que há 5 trocou a profissão de cozinheiro pela de catador de lixo. (J.L.)

LEIA AMANHÃ

A ameaça aos parques estaduais